

# Romeu e Julieta: O Registro de uma Aprendizagem

**POR ANDRÉ HAIDAMUS<sup>1</sup>**

## **Ritual de chegada: o primeiro dia de aula**

A partir do tema da mostra, Celebrar a Experiência do Tempo, o espaço do Teatro 1 foi previamente preparado para a recepção dos alunos: iluminado com pequenos refletores e luz negra, aromatizado com essências e incensos, e preenchido com som ambiente. Celebramos o momento de chegada; o encontro e o reencontro; “o teatro deve ser antes de tudo ritual e mágico...”<sup>2</sup>. Os alunos não faziam ideia do que estava por vir, o clima de suspense e os olhares cheios de expectativas ajudaram a construir a atmosfera do nosso primeiro encontro. Foram recebidos na porta do teatro, um por um, para que tirassem os sapatos e todos os pertences que não lhes seriam necessários: anéis, pulseiras, brincos, bolsas etc.

Fizemos uma vivência de aproximação com o espaço, trabalhamos os cinco sentidos em uma pesquisa de reconhecimento: a visão, o paladar, o olfato, o tato e a audição. Ainda nesta vivência, os alunos foram conduzidos a se conectar com sua trajetória de formação artística e suas motivações: “O que te trouxe (te moveu) até este exato instante?” “Quais são as motivações para estar aqui presente?” “Percorra mentalmente momentos da sua trajetória (Básico, PA1, o trajeto até a escola).” “Quais são os seus desejos?” “Eu desejo...”

Pedi aos alunos que escolhessem até três desejos e lhes dei um papel para que os anotassem e guardassem consigo.

Conectados com as imagens construídas no pensamento, na imaginação dos desejos individuais, fizemos um trabalho de corpo, com o objetivo de ativá-los para a segunda parte do nosso Ritual de Chegada. Esse trabalho surgiu da percepção

da respiração, buscando longos períodos de inspiração e expiração, buscando o alívio, a afetividade e a soltura do peso do corpo, com massagem em movimentos circulares dos pés até a cabeça.

Na segunda etapa, trabalhamos em círculo a leitura coletiva do texto “O Que É um Grupo?”, de Madalena Freire<sup>3</sup>:

Eu não sou você  
Você não é eu  
Mas sei muito de mim  
Vivendo com você.  
E você, sabe muito de você vivendo comigo?  
Eu não sou você  
Você não é eu.  
Mas encontrei comigo e me vi  
Enquanto olhava prá você  
Na sua, minha, insegurança  
Na sua, minha, desconfiança  
(...)

O texto foi referência para as apresentações. Os alunos foram orientados a escolher uma pessoa do coletivo e um trecho do texto para apresentá-la com uma leitura em voz alta. Na sequência, deveriam se apresentar livremente para o grupo.

Como encerramento do Ritual, propus a partilha de um bolo, que chamamos o “Bolo dos Desejos”. Como princípio de concretude dos nossos desejos, cada aluno resgatou o papel onde havia escrito seus três desejos e os compartilhou com o outro, lhe oferecendo também um pedaço do bolo.

Finalizamos nosso primeiro encontro com uma missão: escolher um objeto pessoal que nos trouxesse uma memória significativa. O objeto escolhido foi o tema para a apresentação de uma cena

1. Professor do Teatro Escola Macunaíma.

2. QUILICI, Cassiano Sydow. *Antonin Artaud: Teatro e Ritual*. São Paulo: Annablume, 2004, pg. 35.

3. FREIRE, Madalena. et al. “O que é um grupo.” In: *Grupo – Indivíduo, Saber e Parceria: Malhas do conhecimento*. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1997, pp. 17-26.



Alunos em improviso da cena: Primeiro encontro de *Romeu e Julieta*.

individual e livre no próximo encontro.

### **Início dos trabalhos: Análise Ativa**

O primeiro mês de trabalho foi voltado a uma pesquisa do universo dos alunos, de suas referências e vivências, para a posterior escolha do texto que iríamos montar, e se deu através da apresentação de cenas individuais e coletivas, a partir da proposição de enunciados inspirados no tema da Mostra e na experiência dos rituais de início do semestre: o objeto pessoal e sua memória, “O Que É um Grupo”, o primeiro amor.

Combinamos um princípio de trabalho em sala de aula, que consistia, em um primeiro momento, em cenas preparadas e praticadas, individualmente ou em núcleos (duplas ou trios), todas ao mesmo tempo; em um segundo momento, cada cena era apresentada e tínhamos o exercício de assisti-las e anotar nossas percepções, para que pudéssemos discutí-las; e no terceiro momento, rerepresentávamos todas as cenas em uma sequência, para exercitar a escuta e a relação do coletivo, sem definição prévia da ordem em que as cenas seriam apresentadas: uma cena deveria terminar para outra começar. Antes do exercício das apresentações de cenas, fazíamos um treinamento de consciência corporal, livremente inspirado no *Viewpoints*.

Alimentado pelo repertório que criamos nos treinamentos e nas cenas deste início de processo, apresentei para a turma a obra para nossa montagem: *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare.

### **Do texto para a ação: Circunstâncias e Acontecimentos**

Durante os três meses seguintes de aula, nossos encontros foram destinados à aproximação com o texto, transposição da análise do texto para a ação. Desmontamos a obra *Romeu e Julieta*, levantando questões e debates que contribuíssem para a reflexão dos alunos.

Seguimos uma metodologia de trabalho, a partir do Sistema Stanislávski, em que cada ato era lido e discutido coletivamente. A obra é composta de cinco atos e o nosso ponto de partida foi identificar o Acontecimento Inicial e Principal e as Cir-

cunstâncias de cada ato.

Cada ato estudado era alicerce para a criação de cenas, para a transposição da obra para as ações, distanciada das palavras do autor – o texto falado era improvisado. Como princípio pedagógico, no trabalho coletivo, focamos na trajetória das personagens centrais da obra: Romeu, Julieta, Ama e Frei. Ou seja, todos os alunos vivenciaram as personagens centrais e, no decorrer do processo, nos apropriamos desse princípio na encenação: os meninos trabalharam na criação da personagem Romeu; as meninas, na criação da personagem Julieta; e três alunas construíram, a partir da figura do Cupido, as personagens Frei e Ama.

### **Superobjetivo Provisório**

Compartilhei com os alunos alguns trechos do projeto de montagem enviado para a escola. Falamos sobre a necessidade de definição do nosso Superobjetivo provisório.

Relembramos todo nosso percurso, discutimos as oposições que o texto traz, como: amor/ódio, morte/nascimento e guerra/paz. Por fim, de-

finimos provisoriamente o Superobjetivo da nossa montagem: **celebrar a experiência do primeiro amor.**

Ainda neste encontro, falamos sobre como os figurinos e acessórios – objetos de cena – podem dialogar com a trajetória de Romeu e Julieta, que começam muito bem arrumados, vivos, cheios de cor e brilho, mas, ao longo da peça, perdem essa vivacidade. Esse pensamento colaborou com imagens e possibilidades para o que seria, em nossa encenação, a Linha de Ação Contínua.

### **Compondo o figurino**

Para a composição dos figurinos, nossa referência foi o ideal que temos dessas personagens. Por ser um clássico tantas vezes montado no mundo inteiro, trazemos no inconsciente uma imagem ideal do Romeu e da Julieta, assim como da figura do Cupido, relacionado em nossa montagem às personagens da Ama e do Frei.

Os alunos trouxeram a primeira impressão de figurino. Combinamos que, a cada aula, eles deveriam acrescentar um novo acessório, objetos para essas composições. Em seguida, fizemos



GUILHERME GOMES

*Alunos em improviso da cena: O chaveco de Romeu e Julieta.*



*Alunos em improviso da cena: O casamento.*

um exercício usando o prólogo da obra. Cada um escolheu um trecho ou uma palavra que despertasse o interesse pela história que queríamos contar.

Caminhando pelo espaço, os alunos foram aquecendo e alongando o corpo. Fui alternando *rock* com música clássica – a caminhada deveria ser afetada pelo estímulo da música. Ao encontrarem outra pessoa, deveriam dizer a sua palavra ou frase do prólogo. Concluímos o treinamento com uma meditação ativa, trabalhando a respiração, o peso e altura do corpo (consciência corporal), e estímulos energéticos.

Fizemos uma pausa de quinze minutos para que eles pudessem estudar individualmente o prólogo na teoria e na prática – experimentando as possibilidades pelo espaço, a partir do que conquistamos no treinamento. As apresentações seguiram o mesmo princípio das outras: todos no espaço, assistindo e se deixando relacionar.

No decorrer dos nossos encontros, trabalhamos na criação de cenas, a partir da divisão das Unidades de Ação identificadas na obra. Demos a cada unidade um título, para que nos ajudasse

na compreensão das Circunstâncias e para que fosse possível ligar uma cena a outra e também criar as transições.

**Unidades de Ação:** Prólogo / Primeira briga das famílias / Anúncio do baile – Cupido / Preparação do baile / Ritual de vestir os figurinos / Imagens do ideal de Romeu e Julieta / Coros do baile / O baile/ Primeiro encontro de Romeu e Julieta / O amor proibido / A espera / O chaveco de Romeu e Julieta / O casamento / Segunda briga das famílias / Julieta terá que casar com outra pessoa / Romeu é banido / O plano / A notícia da morte de Julieta / A morte / Epílogo.

Fizemos uma roda para falar sobre como as faltas e os atrasos prejudicam todo o processo e, por consequência, a peça. Deixamos claro que a participação de cada um seria proporcional à dedicação nas aulas.

Fizemos a preparação das cenas pensadas no estudo das Unidades de Ação. No início, os alunos não conseguiam estabelecer um Objetivo – Tarefa na cena, como se não tivessem compreendido a Circunstância. Como exercício, propus então que caminhassem e contassem a cena em primeira

□ processo

peessoa. Quando um parasse, o outro deveria dar continuidade à história. Fui provocando os alunos com perguntas para que eles chegassem ao Conflito.

**Primeira briga das famílias:** todos participaram. Eles criaram um duelo de queda de braço, em que todas as meninas eram da Família Capuleto e todos os meninos eram da Família Montéquio. Trabalhamos essa cena em relação ao espaço, experimentando o movimento dos corpos.

**Prólogo:** as três alunas que fazem os Cupidos

Esse apontamento deu outra atmosfera e colocou os alunos em ação. Retomamos a apresentação improvisada e o resultado mudou bruscamente. Eles refizeram a cena, chegando escondidos. Os cupidos se responsabilizaram por montar o altar durante a cena. Os Romeus usaram todas as suas artimanhas para chegar até suas Julietas. No final, fizemos uma roda para falar sobre a nossa transformação. “O que havia mudado?” “Como estive durante o processo do dia e como eu saio?”

Dei as indicações para nosso próximo en-



GUILHERME GOMES

*Alunos em improviso da cena: Romeu é banido.*

se apropriaram dos exercícios do prólogo que fizemos em aulas anteriores. Trouxeram para a cena uma relação entre os cupidos e o palhaço, em que elas convidavam o público para assistir ao espetáculo.

**O casamento de Romeu e Julieta:** três alunos montaram um altar com os bancos da sala. Na cerimônia, a troca de alianças foi feita quando Romeu pegou uma peça do figurino de Julieta e vice-versa. Essa foi a cena que mais trabalhamos. Perguntamo-nos em quais circunstâncias esse casamento estava acontecendo: às escondidas.

contro, que iria abordar a cena final, A morte de Romeu e Julieta. Pedi que relessem o texto para identificar o Acontecimento Principal, as Circunstâncias e o Conflito do último ato.

### **Cena final**

Começamos a aula em roda, com alongamentos básicos para acordar o corpo, com foco nas partes mais tensionadas e na respiração ativa. Estimulados pela música *Romeu e Julieta*, de Marcelo Camelo e Miúcha, pedi que escolhessem um espaço e começassem a construir uma ins-



GUILHERME GOMES

Alunos em improviso da cena: A notícia da morte de Julieta.

talação. Através da observação e do estímulo da música, eles foram se deixando “tocar” pelo outro. Às vezes, ficavam apenas observando o outro arrumar seu “lugar” e, de repente, recomeçavam tudo. Os alunos se relacionavam de maneira muito íntegra com o que estava acontecendo.

Caminhei pelas instalações, observando os objetos que haviam trazido e como foram colocados. Pedi que trouxessem para o corpo e a mente as imagens vivas dos seus ideais de *Romeu e Julieta* trabalhados nas aulas anteriores.

Após o intervalo, fizemos apresentações individuais da cena: *A morte de Romeu e Julieta*. Os demais deveriam anotar suas percepções e reflexões das cenas e se apropriar do que estavam assistindo.

A maioria teve dificuldade e fez apenas a ação literal: *Romeu entra, vê Julieta morta e bebe o veneno. Julieta acorda, vê Romeu morto e empunha sua adaga contra o peito*. Algumas tentativas de ações simbólicas fugiam ao texto, como: *Julieta tentando se enforcar com um lenço*. Uma dupla montou uma cena interessante: *ao encontrar Julieta morta, Romeu ia desmontando seu figurino, deixando-o pelo chão, até sair do palco. Julieta acordava, via as roupas pelo chão e fazia o mesmo*. Algo morria ali no palco, no desnudar de suas fantasias (figurinos propostos).

Após esse exercício, conversamos sobre o tema da morte e, a partir de uma nova perspectiva, iniciamos as improvisações, que renderam um bom material para ser aprofundado nos encontros seguintes.

### **Andamento do trabalho**

Fui surpreendido pela turma com o pedido para a formação de uma roda, onde alguns alunos demonstraram preocupação com o andamento do trabalho. Eles temiam que a peça não fizesse sentido para o público, pois ela não estava sendo montada na íntegra, com todas as personagens e acontecimentos da obra. Uma das preocupações era entender como as cenas criadas iriam entrar no espetáculo.

Falamos sobre insegurança e como o medo de não conseguir faz parte de qualquer trabalho no teatro: “É absolutamente normal e isso nos acom-



Alunos em improviso da cena: A morte.

panhará por toda jornada como atores." Disse que era meu trabalho costurar o espetáculo e ter um cronograma/roteiro, que era preciso confiança para que pudéssemos seguir.

### Feedback

Em função dos conflitos e dúvidas que se apresentavam em nosso processo, decidi abrir o esboço do nosso roteiro para que eles entendessem a conexão das cenas/acontecimentos que estavam trabalhando e como eles dariam sentido à história.

Lembrei-os de que o roteiro ainda sofreria mudanças de acordo com a evolução dos nossos encontros. Apresentei as datas dos ensaios extras, o que os deixou mais seguros, já que tivemos dois feriados prolongados e isso distancia a turma do trabalho.

Pedi que cada um escolhesse um lugar e se conectasse com todas as reflexões que havia escrito desde o começo do semestre. Era o momento de estarem em relação com seus diários, revisitando os momentos que mais os afetaram.

Coloquei a música, *Feito Para Acabar*, do Marcelo Jeneci, que seria a trilha final do nosso espe-

táculo. Distribui alguns questionamentos, a partir dos quais eles deveriam construir uma reflexão sobre o processo de montagem. Seguem abaixo:

- Qual a principal mudança/transformação em você do início do processo até agora? Como você era ou estava quando chegou e como é ou está aqui e agora?
- Pensando em contribuição para o processo, o que você deu para este coletivo e recebeu dele?
- Pensando em contribuição para o processo, o que você pretende dar para este coletivo e receber dele (daqui para frente)?
- Aponte um fator de transformação do grupo e justifique? Como e por que aconteceu?
- Aponte um fator que pode ser melhorado no grupo e justifique.
- O que você de fato aprendeu neste processo (até agora)?

Na terceira etapa da nossa avaliação, sentamos em roda e pedi que cada um abrisse para o grupo um momento de sua reflexão. Dei retorno para cada um, dizendo como eu os via no proces-

so, quais eram os “lugares” que me chamavam a atenção, para o que era preciso voltar o olhar etc. Após um rápido intervalo, apresentamos as cenas que haviam preparado sobre a morte de Romeu e Julieta.

### Ensaios extras e apresentação final

Repetimos os exercícios de alongamento e respiração da aula anterior. Arrumamos o espaço e passamos todas as cenas na sequência, sem parar. Foi nossa primeira experiência. Fiquei muito surpreso de como eles se mantiveram vivos e conectados durante toda a peça.

No final, sentamos para conversar. Eles falaram sobre o que estavam sentindo e a evolução que tiveram no processo. No dia da nossa estreia, preparei uma galharufa (amuleto) para cada aluno. Dentro de cada saquinho tinha uma pedra do olho grego e uma mensagem.

A peça *Romeu e Julieta* foi apresentada na 80ª Mostra do Teatro Escola Macunaíma, pela turma do PA2 do primeiro semestre de 2014, de sábado no período manhã, da unidade Marechal. Após a apresentação, falamos de nossas percepções e

sensações de todo o semestre.

Partindo das citações das galharufas, pedi que cada um escrevesse sobre a relação da mensagem recebida com sua trajetória no processo, quais foram os principais momentos de crise, como eles foram vivenciados pelo coletivo e como isso reverberou no grupo.

Depois, formei duplas e pedi que discutissem os pontos comuns e divergentes. Para finalizar, abrimos a conversa para todo o coletivo. Foi um debate maduro sobre processo de criação.

### Devolutiva final e coletiva

Desejo que sigam para o segundo semestre livres, abertos e disponíveis para o novo. Novo processo, novo aprendizado, novos professores, colegas de trabalho, textos, exercícios, treinamentos; que de fato se abram para a experiência, pois somos uma escola de vivências. Isso não implica em partir do zero, mas que saibam se colocar de maneira íntegra como artistas em formação, usando e transformando o que aprenderam em outras perspectivas de trabalho.



GUILHERME GOMES

*Alunos em improviso da cena: Epílogo.*